

# **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS: UM ESTUDO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE QUATÁ – SP.**

SANTIAGO, D. E.<sup>1</sup> ;  
MATTIOLI, O. C.<sup>2</sup>.

## **RESUMO**

A violência doméstica ou intra-familiar tem sido objeto de inúmeras pesquisas e intervenções em nossa sociedade. Este trabalho, de natureza teórico-empírica, buscou compreender o sentido que atos de violência doméstica têm para crianças vitimizadas por tal conduta. A fundamentação teórica sobre violência e sua vertente doméstica foram pautadas pelas contribuições de autores como Engels (1884, 1888), Marin-Baró (2003), assim como Guerra (2005) e Azevedo (1993). Já, visando compreender o desenvolvimento psíquico da criança recorreu-se à Perspectiva de análise Sócio-Histórica, preconizada por autores como L.S. Vigotski, A.R. Luria e A.N. Leontiev. Essa corrente postula que a realidade concreta na qual a criança está inserida colabora no sentido de definir e orientar o seu desenvolvimento e a formação de seu psiquismo e, por essa razão, é de vital importância no sentido de ampliar a compreensão sobre a criança vítima de violência doméstica. Metodologicamente, a pesquisa se desenvolveu através de entrevistas semi-estruturadas com crianças do ensino fundamental, vítimas de violência doméstica em suas modalidades física, negligência e/ou psicológica. A análise preliminar das entrevistas permitiu evidenciar que essas crianças se apropriam da experiência da violência doméstica compreendendo-a com uma prática natural, correta e educativa. As crianças se mostraram, ainda, alheias aos prejuízos que esse tipo de prática acarreta ao seu desenvolvimento psíquico e também não percebem o quanto essas experiências influenciam seu modo de vida, seu desempenho acadêmico e seu sofrimento psíquico.

**Palavras-Chave:** Violência Doméstica, Crianças, Apropriação.

---

<sup>1</sup> Daniela Emilena Santiago é assistente social e aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”

<sup>2</sup> Olga Ceciliato Mattioli, Psicóloga, Professora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da UNESP-Assis, Líder do Grupo de Pesquisa “Violência e Relações de Gênero”

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho foi elaborado tomando como referência a pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, intitulado “Violência Doméstica contra Crianças: um estudo com alunos do ensino fundamental do Município de Quatá – SP”. No trabalho em questão busca-se compreender qual é o sentido atribuído pela criança vítima (a) da violência doméstica vivenciada nas modalidades física, psicológica e negligência. Para tal, realizou-se entrevistas semi-estruturadas junto a cinco vítimas, mas nesse texto especificamente será feita menção a apenas um caso.

Adotando a perspectiva crítica de compreensão dos fenômenos que regem a vida social, a violência doméstica é compreendida como um fenômeno produzido e determinado pelas condições sociais e econômicas da sociedade atual, no caso a sociedade capitalista. E essa mesma forma é adotada no intento de compreender o psiquismo humano, justificando assim a recorrência a perspectiva sócio-histórica.

### **O SENTIDO ATRIBUÍDO PELA CRIANÇA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Partindo da realização da pesquisa de mestrado, a seguir serão apresentadas duas entrevistas com uma criança que foi vítima por cerca de dois anos de violência doméstica física, negligência e psicológica, buscando uma compreensão sobre o sentido que a violência doméstica possui para o mesmo. Esta criança será chamada de Abelardo, tem 10 anos, foi abandonada pela mãe quando bebê pela mãe biológica e fora educado pela avó e pelo pai biológico. A criança é, entretanto, agredida fisicamente com varas de árvore, mantida em quartos fechado sem comida, espancada com violência pelo pai.

Durante a realização das entrevistas com Abelardo<sup>3</sup>, foram retomadas duas ocorrências em que a criança havia sido agredida. A primeira delas referiu-se a uma situação em que ele apanhou de uns colegas de classe, na escola onde estudava. Quando chegou a sua casa, Abelardo foi agredido fisicamente pelo pai por conta disso, ou seja, porque apanhou dos outros colegas. Já a segunda entrevista se baseou numa ocorrência em que Abelardo havia saído de casa para andar de bicicleta e, por causa disso, tinha faltado à escola. Em consequência, sua avó o agrediu fisicamente com uma vara de árvore.

Os relatos de Abelardo acerca dessas duas situações fizeram evidenciar como ele as percebia normais, corriqueiras, em seu cotidiano. Esse fenômeno que aqui se convencionou chamar pela terminologia “naturalização” da violência corresponde a um resultado, por assim dizer, da vivência desse tipo de prática pela criança e faz referência a uma percepção da mesma como algo natural do modo de organização familiar. Guerra (2005) chega a destacar essa provável consequência da violência doméstica, descrevendo-a sob as terminologias “tolerância” e “aceitação”.

Isso posto, quando perguntado sobre o que aconteceu após a briga na escola, quando chegou a sua casa, Abelardo apenas respondeu: “Aí meu pai me bateu e foi só” – e isso ainda é reforçado na seqüência da entrevista em que Abelardo externou essa fala. Ao ser questionado sobre a possibilidade de seu pai ter apanhado na infância, a criança declara que sim, e que seu pai apanhou até das professoras. Quando questionado se isso de apanhar das professoras também já havia acontecido com ele, Abelardo responde: “Não, acha tia, eu só apanho em casa”, fazendo alusão, mais uma vez, a uma prática comum no ambiente doméstico e apenas nesse espaço.

Na segunda entrevista realizada com Abelardo, essa questão da “naturalização” da violência aparece com mais ênfase ainda. Inicialmente, ao ser indagado sobre sua volta para a casa, após ter faltado à aula para andar de bicicleta, Abelardo responde: “Aí, quando eu cheguei em casa, eu apanhei”. Ao ser questionado como foi que apanhou, a criança diz: “Bateu batendo, ué”, complementando, em um trecho seguinte: “Bate de mão mesmo”. Assim, como se estivesse dizendo “bateu como sempre bate, como faz normalmente”. Além disso,

---

<sup>3</sup> Nome fictício atribuído a criança

como se o fato de “bater com a mão” não representasse uma prática tão agressiva – e talvez para Abelardo não seja mesmo, diante de ter que ficar sem comer, de ser agredido com varas de árvore etc.

É, entretanto, em trechos seguintes da mesma entrevista que Abelardo deixa ainda mais claro como a violência doméstica perpetrada pelo pai tornou-se prática recorrente. A criança narra um ato que, para quem está fora da situação, é carregado de crueldade por parte do agressor. Abelardo conta, com certa naturalidade e calma, como o seu pai se prepara para agredi-lo fisicamente: “Começa assim...ele põe os anel dele tudinho no dedo e ai me bate”; ao ser questionado do porquê do pai cometer tal prática, responde: “Ué, pra doer mais”. A criança faz essa narração com tanta simplicidade, que parece não perceber quão cruel é esse ato.

Pode-se assim concluir que a violência é um fenômeno que possui distintas significações ou sentidos para quem é vitimizado e também para quem vitimiza. Esse sentido ou significação é constituído tomando como base uma série de fatores, pressupostos e elementos, como destaca Martin-Baró (2003), que vem a fundar a violência. São importantes, dessa maneira, o caráter histórico de constituição da violência, a justificação do ato violento, o caráter pessoal difundido nos atos de quem a executa e de quem a recebe, o contexto específico em que o ato ocorreu ou ocorre e o fator ideológico que vem legitimar a violência.

Abelardo, apesar de se tratar de um caso que ocorreu em uma pequena cidade do interior paulista, traz imbricado o resultado do desenvolvimento histórico-social por que passou o conceito de família. Essa constituição também colabora não apenas no sentido de instituição da violência doméstica, mas define os papéis sociais a serem ocupados por cada membro, dentro da organização familiar, sendo aos pais ou responsáveis diretos competem, quase que sempre, o cuidado e a educação em relação àqueles que, por qualquer situação, dependam de sua atenção, sobretudo as crianças. É essa maneira ideal de se pensar a família que não só faz com que a violência doméstica seja concebida como intrínseca à forma de se educar uma criança, no ambiente doméstico, mas também busca justificar sua ocorrência. Algo como se o pai e a avó de Abelardo possuíssem o direito de usar da força física, da negligência e mesmo da violência psicológica, exclusivamente em

decorrência do papel social a eles atribuído, como se isso fosse esperado das pessoas que assumem essa função.

A violência é, pois, carregada de caráter pessoal, emitido por quem comete tais atos. Quando Abelardo é agredido pelo pai ou pela avó, isso tem contornos muito particulares, em virtude de serem pessoas com as quais a criança possui uma relação de dependência. Assim, Abelardo já sabe que todas as vezes que o pai for agredi-lo irá colocar todos os anéis e que a avó irá usar as varas das árvores. O caráter tão pessoal dos atos, do qual fala Martin-Baró (2003), ocorre também em decorrência do contexto em que os atos de violência são cometidos, no caso o ambiente doméstico. O fato de se tratar do ambiente doméstico propiciou a frequência das ocorrências, que, por sua vez, a longo prazo, colabora no sentido da naturalização dos fenômenos. Nesse sentido, de tanto que esses atos agressivos em relação à criança, favorecidos pelo sigilo do ambiente doméstico, aconteceram, passaram a pertencer à rotina, à dinâmica familiar, contribuindo igualmente no sentido de “justificar” a violência vivenciada.

A violência traz em si um grande poder ideológico, como diz Martin-Baró (2003). Por meio dos atos violentos, que muitas vezes não chegam sequer a serem percebidos pelas vítimas enquanto tais, como é o caso de Abelardo, são transmitidos valores, nos quais, dentre outros aspectos, se torna bem claro quem é dominado e deve obedecer e quem tem a condição de dominar. Abelardo já compreendeu que, como pólo mais fraco de uma relação, apenas deve se submeter ao acontecimento natural dos fatos. Trata-se, pois, de uma relação permeada pela situação de poder.

Durante a realização da primeira entrevista, quando questionado se apanhava de sua avó, responde: “Bate de vez em quando. quando eu faço bagunça”. Perguntado sobre o porquê da agressão, a criança retruca: “Sei lá... acho que é porque eu cheguei tarde em casa”, acreditando ainda que “está errado” pelo fato de “ter saído”. Na verdade, essa questão do merecimento ainda se apresenta, quando a criança é questionada sobre o fato de apanhar sempre que “apronta alguma coisa”. Nesse caso, afirma: “Sim... está certo”, “porque eu vou bagunçar e eles não querem isso... que eu bagunço”. Mesmo com respeito ao fato de ficar sem comida, Abelardo demonstra acreditar que seus pais estão corretos e que a punição foi merecida: “Ué, porque eu fiquei fora de casa... sem avisar”; sobre ficar sem

comer, também crê que é um procedimento correto. Acerca disso, Abelardo simplesmente diz: “é”. A violência opera, dessa maneira, na construção de significados ou sentidos, como ressalta Martin-Baró (2003). Um dos sentidos construídos por Abelardo sobre a situação que vivenciou é que ele merecia apanhar. Guerra (2005) destaca que um dos resultados da vivência da violência doméstica, por crianças e adolescentes, pode ser justamente essa deturpação da vítima, isto é, de que está errada, de que assumiu um comportamento errado e, por isso, mereceu a agressão vivida.

Abelardo demonstra, pois, compreender que a violência a que foi submetido é apenas uma forma correta de educação, de sorte que, ao ser questionado sobre o entendimento possuído sobre a agressão vivenciada, ao ser indagado se tal prática era correta, diz que “é... porque eu apanho, quando eu apanho é certo, né”. E ainda completa: “Porque eu bagunço, eles têm que me bater...” Em outra entrevista, quando a pergunta foi refeita, Abelardo novamente declarou que o fato de sua avó tê-lo agredido estaria correto, salientando que isso se dava “porque eu bagunço... eu apronto... ué e ela tem que me corrigir”, o que reforça, em outro trecho, desta vez em relação à agressão perpetrada por parte de seu pai, quando a criança enfatiza: “Tá, né... é pra educar, porque é errado, né, chegar tarde e tal”. Dessa maneira, a violência já “naturalizada”, compreendida como uma forma de correção por atos errados cometidos pela criança, passa a ser igualmente a ser entendida como um modo de educação.

Essas frases de Abelardo também demandam de contextualização, ou seja, são frases que trazem implícito o caráter histórico de desenvolvimento do conceito de família. É sabido devido à influência de uma série de condicionalidades, sobretudo a primazia da Igreja Católica ditando as normas de educação e conduta em família durante a colonização brasileira, que a utilização de castigos e da agressão física foi largamente utilizada como correção por atos tidos como incorretos, que crianças e adolescentes desempenhavam, por parte de seus responsáveis. Dessa maneira, defendia-se que a criança deveria ser corrigida, para que não mais retornasse a cometer tais atitudes. Assim, a violência era compreendida não como agressão, mas como correção, atuando como uma forma de educação. Este sentido último também está, ainda, presente na fala de Abelardo.

Por conta disso, a violência doméstica é também compreendida por Abelardo como uma forma de correção e, por mais que ele revele em vários trechos que apanhou muito, que doeu muito e que demorou, ainda demonstra acreditar que esse tipo de prática é uma forma de educar. Em certo momento, Abelardo, durante a realização da primeira entrevista, aponta para o futuro e afirma: "...quando eu tiver um filho, se ele bagunçar, eu vou bater só com a mão", revelando que também se valerá da força física para educar, mas de uma maneira menos agressiva, isto expresso pelo detalhe "só com a mão".

Desse modo, é possível perceber que a violência doméstica já faz parte da vida da criança. Tanto que ela própria já demonstra até estar habituada com essa situação, acreditando que a violência é apenas uma alternativa de educação, e que tudo aquilo que vivencia nesse sentido decorre naturalmente de seu comportamento errado. Sempre que Abelardo não cumpre alguma regra estabelecida, será agredido, ou então quando faz algo que venha a desagradar sua avó ou seu pai, configurando a violência prática corriqueira.

Todas essas experiências que a criança vivencia são importantes no sentido de fundar o seu psiquismo. O fato de Abelardo demonstrar certa aceitação ou naturalidade com a violência que vivencia, ou de compreendê-la como forma de educação, ou mesmo de acreditar que merece tal "punição", vem colaborar com o desenvolvimento do seu psiquismo.

Sabe-se entretanto, que o psiquismo é assim formado por meio dos processos de objetivação e apropriação humana. Os processos de objetivação e apropriação humanas se dão a partir das necessidades. É a necessidade que motiva o homem a desempenhar determinadas atividades e, no desempenho destas, ele se objetiva e se apropria do conhecimento produzido. Como já se salientou, a. A objetivação se dá, pois, quando o homem, ao desempenhar suas atividades, estabelece contato com outros homens e com os objetos. Nesse processo, ou nessa relação, o homem realiza profundas transformações subjetivas em seu psiquismo, pois ele incorpora as características dos objetos e das pessoas, no contato com elas, e as transfere ao cérebro. Associado a esse processo de objetivação, ocorre a apropriação da cultura, dos conhecimentos que foram produzidos pelo ser humano (LEONTIEV, 1978a, 1978b).

Em relação à criança, é possível inferir que ela tem seu psiquismo moldado a partir de sua atividade e da relação estabelecida com o mundo durante tal atividade, visando a satisfação de suas necessidades. Leontiev (1978b) salienta que, durante sua atividade, a criança estabelece contato com os objetos e com o mundo que a circunda, e que são de suma importância as relações sociais que ela estabelece nesse contato, especialmente com os membros da família, na idade pré-escolar, pois a criança, mesmo a de menor idade, sente essa dependência em relação ao adulto. Abelardo, em sua relação com o mundo, durante sua atividade, teve contato com os objetos e com as pessoas, e dessa maneira foi também se apropriando da cultura, no caso, de uma cultura violenta. As suas relações com a meio familiar, que são de suma importância segundo Leontiev (1978), foram decisivas nesse sentido. Abelardo logo percebeu sua dependência em relação aos adultos que o cercam, que são responsáveis por sua educação, mas essa dependência se tornou para ele uma forma de garantir que a violência fosse perpetrada. É por isso que ele tem elaborados seus conceitos sobre a violência doméstica, pois suas condições concretas de vida lhe ofereceram a possibilidade de elaborar esses conceitos. Ora, os conceitos da criança não se criam no vazio, antes, se formam especificamente da sua realidade de vida.

Leontiev (1988) enfatiza, em relação ao desenvolvimento psíquico da criança, como também já fora salientado, a importância da atividade principal ou dominante. O autor observa que a atividade principal ou dominante provém das necessidades que são postas à criança durante o seu desenvolvimento. São essas necessidades que vêm no sentido de definir qual será a sua atividade principal, e isso oferecerá influência significativa ao seu psiquismo e seu desenvolvimento. O autor ressalta que, à medida que essas novas necessidades são postas à criança, o sucesso ou o fracasso no seu desempenho lhe propicia diversos estados de espírito, pois a atividade principal é carregada de emoções e sentimentos.

Tomando como referência tais colocações, e observando-se o caso de Abelardo, é possível perceber que a criança, durante suas atividades, é constantemente submetida a uma criação baseada na violência doméstica. Assim, em seu processo de objetivação e apropriação, ele já percebeu que sempre que houver qualquer motivo em seu comportamento que desagrade sua avó ou seu pai, será agredido. Sua relação com as pessoas mais próximas e com os objetos, como

as varas e os anéis que o pai coloca, ao agredi-lo, colaboram nesse sentido de apropriação dessa cultura violenta. E, assim como observa Leontiev (1978), todas as frustrações e os sucessos de Abelardo ao desempenhar suas atividades e durante seu contato com o mundo vêm também acompanhados de diferentes estados de espírito, emoções que também colaboram no sentido de fundar seu psiquismo.

Desse modo, tomamos como correta, igualmente a perspectiva de Martin-Baró (2003), da corrente sócio-histórica, que afirma ser possível concluir que a violência doméstica influenciou substancialmente no psiquismo da criança, parecendo algo natural, algo tido como merecido e como uma forma de educação, fazendo com que ela, muitas vezes, não consiga perceber o quão prejudicial ao seu desenvolvimento é esse tipo de prática.

### **Considerações Finais**

Após a realização das entrevistas junto as crianças foi possível inferir que a violência doméstica, devido a sua incidência, tornou-se para elas algo natural, pertencente ao modo de vida ao qual estão subjugados. Talvez por isso mesmo, também assuma para as crianças além desse sentido, o de algo merecido em decorrência de seu comportamento e ainda revista-se com a tipificação de uma forma de educação. A grosso modo, até o presente momento esses seriam os principais “resultados” obtidos com a realização da pesquisa e que, ainda está em curso.

Dessa maneira, muito possivelmente, se essas crianças não tiverem auxílio no sentido de reelaborar esses conceitos acerca da violência doméstica, tornarão a reproduzi-los em outros espaços ou momentos, aliás, Abelardo já vinha tendo esse comportamento junto aos colegas de escola, mantendo assim o chamado “ciclo da violência doméstica”(GUERRA, 2005). Isso seria assim, não apenas algo percebido na pesquisa, não apenas um “resultado”, mas sim a consequência de uma forma de se educar uma criança recorrendo a violência doméstica.

No sentido exposto acima, outra conseqüência que pode também estar relacionada a violência doméstica, refere-se ao fato de que as duas crianças entrevistadas não conseguem sequer dominar a leitura e a escrita, apesar de ambos já apresentarem um estágio de desenvolvimento que os permitisse a tal. Apesar de não se desejar realizar, de maneira alguma uma relação causal entre a violência doméstica e a dificuldade de aprendizagem, também não há como negar que a realidade concreta da criança interfere substancialmente em seu desenvolvimento. E, nos casos em questão, a violência doméstica com toda certeza, foi um influenciador nesse aspecto. O que por sua vez conduz a criança a uma segunda violência, que seria a de não tornar difícil seu acesso ao conhecimento socialmente produzido pelo gênero humano.

Outros sentidos poderão ser percebidos durante a realização das entrevistas com outras crianças que também vivenciaram uma forma de educação pautada essencialmente na violência doméstica.

Importante ressaltar que, dessa maneira, com crianças constantemente submetidas a essa prática, acabam tendo o seu psiquismo, sua subjetividade moldada e é isso que vem no sentido de justificar, diga-se assim, o sentido que os mesmos atribuem a violência doméstica, conforme exposto acima.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEONTIEV, A.N. **Actividad, Conciencia y Personalidad**. Buenos Aires: Ciências Del Hombre, 1978a.

LEONTIEV, A.N. El desarrollo psíquico del niño em la edad preescolar. *In* DAVIDOV, I.; SHUARE, M. **La psicología evolutiva y pedagógica em la URSS**. Moscou: Progreso, 1987.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978b.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil *In* VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

MARTIN-BARÓ, I. Las raíces estructurales de la violencia *In*: MARTIN-BARÓ, I. **Poder, Ideologia y violencia**. Madrid: Trotta, 2003.

MARTIN-BARÓ, I. El poder social *In*: MARTIN-BARÓ, I. **Sistema, Grupo e Poder**.  
Madrid: UCA, 1989.